

DA MARGEM À MODA: O FENÔMENO DA DESMARGINALIZAÇÃO DA TATUAGEM - UM OLHAR A PARTIR DA PRÁTICA CONTEMPORÂNEA DA TATUAGEM NA CIDADE DE TRÊS LAGOAS – MS

Fernando Lucas Garcia de Souza¹

RESUMO

Este artigo pretende levantar questões acerca do processo de desmarginalização da tatuagem na sociedade contemporânea, buscando compreender como os atores sociais participam deste processo e qual sua influência sobre ele.

Palavras-chave: Tatuagem, Marginalidade, Modificação corporal, Identidade.

ABSTRACT

This article intends to raise questions about the admission process of tattooing in contemporary society, seeking to understand how social actors involved in this process and what is its influence about him.

Keywords: Tattoo, Marginalization, Body Modification, Identity.

Breve Histórico da Tatuagem no Mundo Antigo

O ato de se tatuar, ou perfurar a pele inserindo pigmentos na derme a fim de formar uma marca indelével, parece ser tão antigo quanto a própria organização dos homens em sociedade. Foram encontrados indícios de pigmentos para pintura corporal nos sítios de Neandertal (700mil a 500mil a.C.), tumbas de mulheres do Neolítico (8000 a 4000 a.C.) com figuras de terra cozida, contendo desenhos nos braços, pernas e peito entre outros indícios. Porém um achado arqueológico lança luz à antiguidade da tatuagem: O chamado “Homem do Gelo”. Encontrado no gelo por turistas em 1991, na fronteira entre a atual Itália e a Áustria, um homem do período Neolítico, que viveu há aproximadamente 5300 anos.

¹ Fernando Lucas Garcia de Souza. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus Três Lagoas. Graduando em História. Pesquisador em Antropologia Social. Pesquisa a tatuagem contemporânea.

Seu corpo, hoje exposto no Museo Archeologico dell Alto Adige, na Itália, possui preservadas linhas paralelas na região lombar, traços em cruz abaixo do joelho esquerdo e faixas no tornozelo direito, feitas com pigmentos inseridos numa camada de pele abaixo da epiderme, o que caracteriza a prática do que hoje chamamos tatuagem.

Do “Homem do Gelo” ao chamando homem pós-moderno, a tatuagem pareceu fixar-se na pele, na história e na cultura de todos os povos do mundo. Dos escritores bíblicos à Darwin, passando por Heródoto e Marco Polo, vários daqueles que retrataram a história da humanidade, seja qual for o período, retrataram constantemente também, a presença da tatuagem. Dos nativos da América aos povos da Ásia, por onde o europeu navegou, verificou a presença tatuagem nas civilizações que encontrou.

Porque seria a prática da tatuagem presente em tão diferentes povos, que desenvolveram sua cultura nas condições mais variadas e em diferentes espaços e tempos? Quero de antemão me manter distante discurso da antropologia clássica e sua corrente evolucionista, que pressupõe uma única história da humanidade, onde “graus civilizatórios” deveriam ser atingidos e as diferenças culturais seriam “graus evolutivos”, passíveis de ser alcançados. Discurso esse que há muito não se sustenta na antropologia, considerada a complexidade das relações sociais e culturais mesmo nas sociedades erroneamente ditas “primitivas”. Se partisse desse pressuposto, ingenuamente seria obrigado a descrever a tatuagem na categoria de “universais culturais”, ou seja, uma característica cultural necessariamente presente em todas as sociedades, o “extrato” reduzido como necessário à determinada constituição cultural das sociedades ou o que GEERTZ (1978) elenca como “elementos essenciais numa definição da humanidade em comparação com a qual as muito mais numerosas particularidades culturais são, claramente, de importância secundária”. Não é preciso perder o sono buscando infundáveis referenciais teóricos para desconstruir esse pressuposto. Basta observar que, ainda que presente em considerável número de sociedades e em diferentes períodos, não é razoável apontar a prática da tatuagem como elemento fundamental à manutenção da organização social em todas as sociedades, e possivelmente nem na maioria delas, incluindo a nossa, não desconsiderando que ela possa estar presente em várias outras.

Por outro lado, e isso pode parecer tentador, adotar o pensamento difusionista para explicar a presença da tatuagem em tão diferentes pontos, ainda que tenha alguma coerência também soa um tanto simplista. A tatuagem como citei anteriormente é presente em vários

grupos humanos, sociedades que datam de pelo menos 5300 anos, sendo que indícios de pinturas corporais (não necessariamente inseridas na derme) datam de muito antes. Porém no mesmo caso acima, pensá-la como uma “universal cultural”, algo que teria sido difuso pelos primeiros homens há se espalharem pelo planeta, resultaria em uma conservação da prática na maioria dos povos.

Retomando o pensamento de Geertz, prefiro me posicionar dentro da perspectiva deste com relação à cultura, de que “não existem generalizações que possam ser feitas sobre o homem como homem”, e que essas tentativas invariavelmente conduzem a um relativismo que deve ser evitado. Ele aponta ainda que a cultura é melhor vista não como “complexos de padrões concretos de comportamento – costumes, usos, tradições, feixes de hábitos”, mas como um “conjunto de mecanismos de controle” para governar o comportamento, algo semelhante a programas de computador. A tatuagem, portanto, ainda que presente em diversos grupos separados espacial e temporalmente, não pode ser considerada uma “universal cultural”, uma vez que é ausente em sociedades como a grega (o estranhamento de Heródoto quanto aos citas, trácios e tebanos parece atestar a favor dessa ausência) , a hebraica entre outros grupos. Segundo Marques, Edward H. Dodd Jr. parece concordar com esta afirmação:

“A tatuagem parece ser um dos mais plausíveis candidatos ao controvertido conceito de origem independente em várias partes do mundo.” (DODD JR. apud MARQUES, 1997, p.13)

Outra consideração relevante relacionada à tatuagem relaciona-se a sua função social: sendo a prática um traço cultural que toma seu lugar no “conjunto de mecanismos de controle” de Geertz, a tatuagem adquire função diversa dependendo da sociedade que a pratica. Tatuarse já foi ato sacro, profano, nobre, plebeu. De acordo com o recorte temporal ou espacial, a tatuagem recebe um olhar diferente por parte da sociedade. A bíblia cristã contém citações sobre a proibição da tatuagem: “Não fareis incisão no corpo por algum morto e não fareis nenhuma tatuagem². Eu sou o Senhor.” – Levítico 19:28. No ano de 565, Procópio da Cesaréia, historiador bizantino declararia que a tatuagem era caráter

² O termo tatuagem foi inserido nas versões mais recentes da Bíblia, nas versões mais antigas encontra-se: “Pelos mortos não dareis golpes na vossa carne; nem fareis marca alguma sobre vós. Eu sou o Senhor.” Essa alteração das traduções parece demonstrar a tentativa do cristianismo de estigmatizar a tatuagem como prática pecaminosa.

obrigatório do verdadeiro Cristão. Mais tarde, em 787, no Sínodo de Calcuth, o papa Adriano I proibiria a tatuagem, e sem apoio, depois voltaria atrás. Na Idade Média, sob o status de “*stigmata diaboli*”, ou marca do diabo, a tatuagem seria vista como uma assinatura feita pelo próprio demônio no corpo do indivíduo, comprovando seu pacto com ele.

A tatuagem também esteve presente no corpo dos reis: Henrique IV e Carlos XIV da Suécia, foram tatuados em seus anos servindo a esquadra marinha. Carlos XIV, nascido em 1764, curiosamente possuía as inscrições “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, além de “Morte aos reis” tatuados em sua pele, herança de sua juventude influenciada pelos ideais políticos franceses. Antes disso, Heródoto descreve a função da tatuagem nos trácios: “Entre eles, estigma marca berço nobre, sua ausência é sinal de classe baixa”, conforme cita MARQUES (1997). O contrário ocorre no Japão, onde a tatuagem foi encontrada já em 500 a.C e por volta de VIII d.C adquiriu o mesmo caráter marginal, abrangendo a classe baixa e criminosos, conforme o mesmo autor.

O que levou o homem da antiguidade a se tatuar? Que significado tinha para o homem antigo marcar seu corpo de maneira indelével em um processo doloroso?

O etnógrafo brasileiro Câmara Cascudo cita que na comunicação com o sobrenatural e no treino da virilidade residem a gênese de todas as mutilações corporais voluntárias, independente da cultura:

“...seriam originalmente manifestações de ritos religiosos, captação mágica pelo sacrifício cruento (dádiva de sangue), oblação aos deuses, oferenda aos mortos (aos antepassados como homenagem e aos defuntos recentes pela ambivalência do pavor e respeito), desejosa de proteção invisível e permanente; iniciação da puberdade, preparo psicológico para a guerra.”

(CASCUDO apud. MARQUES: 1997, p.19)

“A pintura torna-se lentamente uma espécie de uniforme tribal, com as exibições emblemáticas, fixadas pelas cicatrizes intencionais e a tatuagem(...), desenho de caráter indelével. Nascera do desenho de cicatrizes, feito como registro de ações valorosas ou tributos sacros.”

(CASCUDO apud. MARQUES: 1997, p.19)

Compreender a tatuagem desta maneira demanda inicialmente pensá-la como prática masculina, porém a tatuagem não parece ter sido exclusividade masculina, o mesmo autor aponta que as marcações corporais nas mulheres tinham uma função “estética para atração conubial”, motivada nesse caso, pelo embelezamento do corpo, através da modificação.

Entretanto, considerar esta perspectiva pode nos ser útil ao mergulhar no mar de simbolismos no qual a tatuagem contemporânea encontra-se imersa, empreitada que tentaremos em outro momento. Não nos esqueçamos, portanto, das motivações masculinas e femininas, ao analisarmos as subjetividades envolvidas nas escolhas de homens e mulheres pelos desenhos que imprimirão em suas peles.

A reintrodução cultural da tatuagem na Europa se deu através do capitão James Cook, que em 1769 reata o contato da prática com o continente. É dele a inserção da palavra *tattoo* na língua inglesa, derivada da palavra “Tatah”, onomatopéia do ato de tatuar-se utilizada pelos taitianos e samoanos, e “tah-tah-tow”, ato de marcar o corpo, segundo os mesmos³.

O porto não é seguro: A chegada da tatuagem⁴ ao Brasil

Desde sua chegada ao Brasil, no final do século XIX, a tatuagem recebeu o estigma de marca marginal. Inicialmente restrita a grupos marginalizados e portanto condenada pela sociedade, a tatuagem foi quase que instantaneamente ligada a criminalidade, a prostituição e a “sujeira”.

Esta marginalização aparentemente se justifica pela maneira como a tatuagem chegou ao Brasil. Atracando em nossos portos na pele de marinheiros europeus, foi na região portuária freqüentada por, além destes marinheiros, soldados, estivadores e prostitutas, ou seja, figuras marginalizadas, que a tatuagem inicialmente se estabeleceu. A tatuagem rapidamente ganhou adeptos entre estes indivíduos, que agora possuíam algo a mais em comum, além do ambiente de convívio do porto e sua posição na sociedade: possuíam também a marca distintiva dos marginais.

Cabe notar – e este elemento talvez seja revelador para a compreensão da marginalização e quem sabe de sua posterior desmarginalização⁵ – que a tatuagem se estabelece num

³ Parágrafo elaborado conforme Débora Krischke Leitão. (Leitão:2000, p.3)

⁴ Por tatuagem, daqui em diante, me refiro a prática moderna da tatuagem, feita através da inserção de pigmentos na derme, camada inferior da pele através de uma máquina elétrica, criada por Samuel O'Rilly em 1891.

contexto de embate entre classes sociais. A descrição dos grupos de indivíduos que aderem à tatuagem recorre às suas profissões, socialmente marginalizadas e consideradas “inferiores”. Os mecanismos de controle social e a submissão de classes parecem ter encontrado na tatuagem uma ferramenta para a delimitação mais incisiva das fronteiras que separam as classes, algo semelhante ao que antropólogos interacionistas como Barth propõe à respeito dos grupos étnicos. Mas à semelhança da teoria de Barth – e não pretendendo aqui de forma alguma classificar os tatuados como um grupo étnico⁶, incorrendo no clássico erro de forçar a realidade observável afim de que caiba dentro da teoria antropológica – a tatuagem parece delimitar as fronteiras entre grupos, aqui, entre classes sociais, constituindo-se não um elemento definidor do grupo (nesse caso todos os indivíduos da classe trabalhadora deveriam necessariamente ser tatuados) mas como um sinal diacrítico definidor de identidade, de um indivíduo de classe social baixa. O próprio Barth explica essa perspectiva de forma muito mais interessante:

“O conteúdo cultural das dicotomias étnicas parece ser, em termos analíticos, de duas ordens diferentes: (i) sinais e signos manifestos, que constituem as características diacríticas, que as pessoas buscam e exibem para mostrar sua identidade; trata-se frequentemente de características tais como vestimenta, língua, forma das casas ou estilo geral de vida; e (ii) orientações valorativas básicas, ou seja, os padrões de moralidade e excelência pelos quais as performances são julgadas. Uma vez que pertencer a uma categoria étnica implica ser um certo tipo de pessoa e ter determinada identidade básica, isto também implica reivindicar ser julgado e julgar-se a si mesmo de acordo com os padrões que são relevantes para tal identidade.” – BARTH: 2000, p.32)

Portanto, penso que a maneira como Barth entende os grupos étnicos, e sobretudo a definição de suas fronteiras, pode ser útil para pensar não a adesão da classe trabalhadora, mas a inicial resposta marginalizadora da sociedade para com a tatuagem, enquanto um estigma de classe, elemento definidor de identidade, nesse caso, identidade marginal. Penso que compreender o estabelecimento da tatuagem no Brasil por esse prisma, ajuda a

⁵ Optei por utilizar o termo “desmarginalização”, ao invés de “popularização” ou “aceitação” por exemplo, por entender que este fenômeno não trata simplesmente de tornar popular uma prática comum anteriormente esquecida ou indiferente como sugere o primeiro termo, nem se trata de um conformismo benevolente com relação à tatuagem, uma admissão. Entendo que este processo se deu através da resistência dos indivíduos tatuados que tiveram de lutar contra estigmas impostos pela sociedade, em sua maioria não-tatuados, sobretudo nas camadas sociais dominantes.

⁶ Das 4 características presentes na definição de Barth para grupos étnicos, a tatuagem parece possuir apenas uma delas: “ Tem um conjunto de membros que se identificam e são identificados por outros, como constituindo uma categoria que pode ser distinguida de outras categorias da mesma ordem.” Neste caso, a dicotomia entre tatuados e não-tatuados.

pensar a resistência que as classes sociais mais favorecidas tiveram e ainda tem em certa medida, sobretudo nos setores mais conservadores da sociedade, com relação a tatuagem.

Outro possível fator contribuinte à rejeição inicial da tatuagem por parte da sociedade foi o processo informal, artesanal e insalubre em que era produzida: através da inserção na derme, de agulhas contendo tinta, o processo era realizado ao ar livre em locais públicos e improvisados, em academias de ginástica ou na residência dos tatuadores e amigos.

Fonseca enfoca a questão da “sujeira” na concepção da tatuagem:

“A associação feita entre tatuagem e sujeira pode ser vista como uma forma de reagir socialmente ante uma situação considerada perigosa, provocadora de desordem e de gerar um tipo de “anormalidade”. Todavia qual é essa ordem ou anormalidade sobre a qual atenta a tatuagem? A normalidade do corpo, pois, ao fazer uma modificação ou marca definitiva nele, está incidindo sobre o que se considera como seu ideal: sua forma “natural”.” (FONSECA:2003, p.36,37)

Para Fonseca a tatuagem constituiu-se no ambiente do impuro, da sujeira, da “profanação corporal”, explicita através da insalubridade da atividade e dos instrumentos da prática, mas também implícita pelos conceitos de “impureza” e “profanação” do corpo do indivíduo. Corpo este sagrado, segundo os fortemente arraigados conceitos cristãos em nossa cultura.

O ritual caseiro

Este processo de marginalização começa a mudar nos anos de 1980 e alguns fatores podem ser apontados como responsáveis por isto: A adesão à prática por parte de grupos de classe média, como os surfistas; a profissionalização da profissão do tatuador e a criação de lojas denominadas “estúdios de tatuagem” com ambientes limpos e aparelhos descartáveis e esterilizados, em contraste ao ambiente caseiro e insalubre onde inicialmente a tatuagem era realizada; a posterior elevação ao *status* de arte à tatuagem, trazendo ao tatuador o *status* de artista da pele, de perito ou *expert* na prática da tatuagem.

A tatuagem que inicialmente se reservara aos marginais, associada a malandragem, rebeldia, exotismo e aos abusos, começaria a adentrar a classe média na pele dos surfistas cariocas. Em busca da novidade, estes jovens saíam do Rio de Janeiro para se tatuar em Santos, com o tatuador Tattoo Luck. Considerado o primeiro tatuador a se instalar no

Brasil, o marinheiro dinamarquês de apelido Tattoo Luck chegaria ao Brasil em 1959 e se fixaria na cidade de Santos, abrindo ali duas lojas de tatuagem (MARQUES:1997, p.28), e teria segundo ele, marcado a pele de aproximadamente 30 mil brasileiros em vinte e quatro anos de carreira. A constante referência a Luck como o pai da tatuagem, dá a ele o lugar que Fonseca chama de “mito de origem” na prática contemporânea da tatuagem.

O papel dos surfistas de classe média carioca pode ser visto como fundamental na disseminação da tatuagem, especialmente pela sua inspiração à canção “Menino do Rio”, composta por Caetano Veloso em 1980:

“Menino do Rio

Calor que provoca arrepio

Dragão tatuado no braço

Calção corpo aberto no espaço”

O “Menino do Rio” de Caetano era José Arthur Machado, o Petit. Surfista de vinte e dois anos na época da composição, o garoto era a imagem da “geração saúde”, praticante de artes marciais, modelo e surfista, o morador de Copacabana em muito se distanciava da tradicional imagem de marginal, dada aos tatuados no Brasil. Esta diversificação de adeptos que se iniciava em 1980, ganharia força nos anos 2000, e alguns fatores parecem ter contribuído para isso, e aqui utilizarei a colocação de Fonseca, que reafirma as possíveis causas citadas neste tópico para a popularização da prática da tatuagem:

“Em síntese, está se investindo na subversão dos valores, do *status* e do lugar social e cultural que tem acompanhado essa prática no Ocidente em seus três componentes básicos: o tipo de usuário - de uma população marginal a todas as classes sociais -, o perfil do tatuador - de amador a profissional - e o caráter da tatuagem - de marca de estigma à obra artística.” (FONSECA:2003, p.36)

Profissão: Tatuador

Ao longo das décadas, o papel do tatuador na sociedade transformou-se, adquirindo um novo *status*, o de profissional e artista. A prática caseira e insalubre, antes realizada num ambiente não profissional e anti-higiênico deu lugar a estúdios de tatuagem com aparência clínica, materiais esterilizados e descartáveis. Preocupações com a fachada, saúde dos tatuadores e tatuados e com a qualidade artística da própria tatuagem, ajudam a conquistar

um novo público que antes rejeitara a tatuagem, como percebido na fala do tatuador Gustavo Faustino, tatuador há 15 anos:

“Quem vê o negócio mais apresentável, vai ter menos medo de fazer uma tatuagem...um local inadequado, feio, num ambiente estranho a pessoa fica com receio de entrar.” Ainda com relação a mudança do ambiente e as normas de higiene, outro tatuador entrevistado⁷, Rafael Félix, afirma que hoje existe uma fiscalização por parte da Vigilância Sanitária quanto à utilização de materiais descartáveis e ao descarte desses materiais:

“A agulha tem que ser separada, numa caixa separada que eles passam pra recolher, o *Descarpack*.” Ele afirma também que há uma regulamentação por parte da ANVISA, com relação as tintas que podem ou não ser utilizadas para tatuagem, o que demonstra a profissionalização do ofício do tatuador e sua relevância social.

Além dos cuidados higiênicos o produto final, a tatuagem, mudou muito. Novas cores, novas técnicas, novos temas e novas formas de enxergar a tatuagem deram a ela o *status* de arte e ao tatuador o de *expert*. Com o passar dos anos e visando atingir novos públicos, a tatuagem ganha traços mais ricos e detalhados, novos leques de temas ou categorias de desenhos surgem, novas tecnologias como a utilização de tinta ultravioleta surgem e a profissionalização impressiona desde aqueles que apreciam a arte até aqueles que não tem identificação com ela.

Segundo Fonseca, há um esforço por parte dos profissionais da tatuagem, para alcançar um perfil de clientela de níveis mais elevados, dispostos a pagar o custo do serviço mais sofisticado. Ela aponta que para isso é necessário alterar o que Goffman chama de “fachada social” da prática da tatuagem:

“Por mais especializada e singular que seja uma prática, sua fachada social, com algumas exceções tenderá a reivindicar fatos que podem ser igualmente reivindicados e defendidos por outras práticas algo diferente... Conquanto, de fato, estes padrões abstratos tenham um significado diferente em diferentes desempenhos de serviços, o observador é encorajado a realçar as semelhanças abstratas” (GOFFMAN apud FONSECA:2003, p.36)

⁷ Afim de obter um olhar por parte dos profissionais envolvidos na prática da tatuagem, geralmente sujeitos também tatuados, realizei entre os dias 17 e 28 de abril de 2014, no estúdio Tattoo Old em Três Lagoas-MS, entrevistas com os tatuadores Gustavo Faustino e Rafael Félix. As entrevistas foram realizadas de forma aberta, não restringindo o diálogo à questionários, afim de possibilitar uma maior liberdade na abordagem dos temas por parte dos entrevistados.

O novo tatuado

Atualmente, sobretudo nos grandes centros urbanos é comum evidenciar a presença de indivíduos tatuados. Eles estão nas ruas, nas escolas, nas lojas, nas repartições públicas, hospitais e escritórios. São pedreiros, médicos, artistas, advogados, atletas, militares, donas de casa, professores. Aparentemente, em qualquer ambiente onde se desenvolva o convívio social, ali se encontrará um tatuado.

Tatuagens de diferentes tamanhos e diferentes formas são comumente encontradas. Algumas ainda timidamente escapando sob as mangas das camisas, outras escancaradas sob a luz dos olhos de quem quiser apreciá-las, ou repudiá-las. Homens e mulheres, jovens e velhos marcam em sua pele suas experiências, seus hobbies, suas convicções, suas paixões, seus amores, sua fé. Muitas são as motivações para inserir na pele a tatuagem. Algumas, tão contrastantes com o estado de permanência que supostamente se desejaria de uma indelével marca, rapidamente são removidas ou escondidas por outras tatuagens maiores, as chamadas “coberturas”.

Os processos de cobertura e remoção da tatuagem exemplificam a mutabilidade constante da identidade pós-moderna proposta por Hall⁸, ao mesmo tempo em que demonstra a transformação do caráter da tatuagem: Outrora uma marca eterna, gravada sob a pele para que não saísse jamais, encontrada intacta no “Homem do gelo” de mais de 7.000 anos atrás, atualmente a marca da moda. Estampando afirmações “eternas” hoje, removidas à laser amanhã.

A tatuagem, que no passado foi parte de um ritual religioso e/ou bélico, sinalizadora do cumprimento de um ciclo, hoje marca a pele de diversos indivíduos, independente de seu contexto social ou motivação, sem distinções, senão daqueles que a desaprovam.

⁸ Segundo Stuart Hall, o sujeito pós-moderno não é mais dotado de uma identidade permanente, antes possui múltiplas identidades que modificam-se de acordo com as circunstâncias: “O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas...Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.” (Hall:2006, p.12,13)

O tatuador Gustavo Faustino revela a mudança no perfil do tatuado, ao mesmo tempo em que demonstra a transformação da tatuagem em um produto ou objeto de consumo ao utilizar o termo cliente para o adepto da tatuagem: “Hoje em dia todo mundo se tatua. Desde o rico, o pobre, o religioso, qualquer cliente.”

Fato que é constatado também ao entrevistar o tatuador Rafael Felix, que revela a adoção da tatuagem por parte de indivíduos envolvidos em entidades sociais mais tradicionais: “Vem advogado tatuar aqui, vem policial. Hoje mesmo veio um policial aqui querendo fazer *tattoo*. Então vem gente de todo o tipo, desde a classe baixa até a classe alta. Hoje em dia vem gente de família, vem pai com o filho, os dois fazer *tattoo*. Antigamente não.”

Quando perguntado se havia distinção de gênero entre os tatuados Rafael aponta: “Vem homem, mulher, lésbica (sic), vem tudo. Todo tipo de gente. Até idoso vem, até senhora idosa.”

Rafael afirma ter tatuado uma senhora de sessenta e quatro anos, que fazia sua primeira tatuagem, três rosas no braço, além de um senhor de cinquenta e dois anos de idade, que teria tatuado um tema de uma novela de televisão, as letras da logo da novela “Malhação”, que segundo o tatuador era um programa que agradava ao senhor que foi tatuado por ele.

Estas informações parecem demonstrar a adesão por parte de diferentes indivíduos ou grupos sociais tradicionais que antes resistiam a prática. Mas qual o motivo desta mudança?

Tatuagem: Bocejo Comportamental?⁹

De marca marginal a moda. O que estaria levando a esta recente mudança de olhar sobre a tatuagem? O símbolo do exotismo outrora exibido em circos, a marca dos bandidos, dos impuros, dos pecadores e dos “sujos” estaria ganhando seu lugar na sociedade?

Durante as entrevistas com os tatuadores, sempre que questionados sobre o atual cenário da prática da tatuagem e seus novos clientes, além dos fatores citados como a profissionalização dos estúdios, a utilização de materiais adequados e a evolução artística, um outro apontamento me chamou a atenção: O papel da mídia na divulgação da tatuagem

⁹ O bocejo, segundo o neurocientista e professor de psicologia da Universidade de Maryland Robert Provine, é um movimento muscular inerente a todos os mamíferos, que segundo seus estudos, parece caracterizar-se não somente por um movimento físico. Segundo Provine, há algumas características psicológicas, como a sua reprodução por parte do observador, ao ver outra pessoa bocejando, assistir imagens de bocejos ou tão somente ler a respeito ou pensar em um indivíduo bocejando. O autor chama essa característica de contágio.

e a procura por tatuagens ligadas a personalidades ou mesmo desenhos iguais aos dessas figuras públicas.

Através da observação e das entrevistas com tatuadores e tatuados, pude notar que ocorre por vezes uma espécie de imitação, onde o indivíduo busca através da tatuagem uma aproximação com a figura de outro indivíduo, seja na reprodução em seu próprio corpo, de um desenho adotado pelo indivíduo imitado, seja homenageando-o com imagens ligadas a sua personalidade ou gravando seu nome sob pele, seja criando mecanismos de identificação de um grupo de convívio através das tatuagens iguais, desde gangues de rua à grupos de amigas que perpetuam a amizade simbolicamente, através da mesma tatuagem.

Este processo de tatuar-se levado pela imitação a outro indivíduo, lembra-me o ato físico-motor do bocejo, como citado por Provine. A respeito da imitação da prática do bocejo, chamada por Provine de “contágio”, encontramos:

“Já se sabe que a Natureza conspira para disseminar os bocejos. Simplesmente pensar neles os incita. A conhecida propriedade de "infectar" quem está por perto pode ser confirmada com observação cotidiana e experiências científicas. Nos experimentos iniciais para testar o contágio, expus indivíduos a uma série de 30 repetições gravadas em vídeo de um adulto bocejando, com cinco minutos de duração. Os voluntários foram duas vezes mais propensos a bocejar enquanto assistiam à gravação (55%) que quando acompanhavam uma série comparável de sorrisos (21%). Ao contrário da resposta de um reflexo a um estímulo, o incentivo visual não foi seguido por um período de latência curto e previsível; pelo contrário, o bocejo ocorreu durante todo o período de teste de cinco minutos. Para a etologia clássica, a face bocejante funciona como um gatilho, um estímulo de sinal, que ativa um mecanismo inato, capaz de liberar o padrão de ação.”¹⁰

O estudo de Provine aponta que o contágio é mais provável, ainda que não exclusivamente, em indivíduos com algum tipo de ligação social: parentes, amigos, conhecidos. Para Provine, o bocejo sincroniza além do estado fisiológico, também o comportamento dos indivíduos em contato. Segundo ele “É um lembrete de que o comportamento antigo e

¹⁰ PROVINE, Robert. Em: <http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/enigmas_do_bocejo.html>. Acesso em: 17 de junho de 2014.

inconsciente move-se furtivamente debaixo do verniz de cultura, racionalidade e linguagem, continuando a influenciar nossa vida.”¹¹

Seria a tatuagem uma espécie de bocejo comportamental? Não pretendo e nem poderia, pela falta de referenciais teóricos suficientes, tempo de pesquisa e outras limitações como a própria extensão deste artigo, encerrar o tema ou sequer construir uma base sólida a respeito do mesmo. Pretendo, portanto, ao invés de respondê-las, levantar questões sobre a possível influência de personalidades midiáticas na prática da tatuagem. A recorrência do tema nas entrevistas com os tatuadores me leva a considerar a hipótese da imitação social, conforme trechos abaixo do tatuador Gustavo Faustino:

“A tatuagem se tornou popular, todo mundo tem, desde o famoso. Então todo mundo se inspira em alguém. Como muita gente quer andar igual a fulano, muita gente quer uma moda como a de fulano, é onde tal fulano tem uma tatuagem eu vou ter também. Tipo aquele *The Rock*¹²...Quantas pessoas não vem procurar, as vezes não é em si por causa da tatuagem, é por causa do cara, mas a pessoa não quer falar porque ta com vergonha, porque ele quer ser parecido com o cara.”

Aqui Faustino relata o desejo pela aproximação estética com a figura admirada. Num processo de imitação, o admirador pretende realizar uma modificação corporal a fim de tornar-se esteticamente mais próximo a figura do ídolo, ou ter um tipo de vínculo, ainda que inconsciente com ele. Este vínculo inconsciente ou não, pode conferir ao ato tanto um caráter de homenagem ou tributo quanto de imitação, como o caso citado.

Outro exemplo da influência de personalidades na popularização da tatuagem é a disseminação da moda da tatuagem feminina de três estrelas, atrás da orelha, segundo Faustino: “Que nem a Presença de Anita¹³. Foi de lá que saíram as três estrelinhas atrás do pescoço. Foi lá que surgiu a moda das três estrelinhas. A estrelinha é uma moda até hoje, hoje os outros falam que é de “sapatão”, mas não se lembram do programa.”

Gustavo aponta que a tatuagem de Mel Lisboa foi um marco para a tatuagem de três estrelas atrás da orelha, e que após a exibição da série, a procura por esta tatuagem se tornou comum e ela ganhou um grande número de corpos femininos, tornando-se até hoje

¹¹ Íd. Ibid.

¹² Gustavo faz referência ao ator Dwayne Johnson, ex-lutador de MMA e astro de filmes de ação norte americano, que possui uma tatuagem estilo “Maori” no braço esquerdo.

¹³ Série televisiva exibida na TV Globo no ano de 2001, protagonizada pela atriz Mel Lisboa, que possui três estrelas tatuadas na nuca, atrás da orelha direita.

uma tatuagem popular entre as mulheres. Posteriormente, dentro do círculo da tatuagem, foi apontada como uma marca distintiva de orientação sexual, o que demonstra indícios da criação de estigmas de outras naturezas contra os tatuados não só por parte dos não-tatuados, como por membros do próprio grupo.

Outros casos são citados por Gustavo como indícios da influência direta de artistas na escolha de modificações corporais de seus clientes: “O *piercing* se popularizou depois da Carla Perez, ela colocou o *piercing* e apareceu na TV, ai que expandiu o *piercing* no umbigo mesmo. Isso já vinha no Brasil de muito tempo, mas ninguém via, não era mostrado na TV. Quem foi a primeira pessoa que mostrou isso? Foi ela, mostrou na Globo, um dos canais que a maioria da população assiste. Tudo que se vê na TV, os outros querem usar. A Globo ajudou muito a tatuagem também.”

O tatuador Rafael Félix possui um discurso que parece confirmar a influência da mídia na prática da tatuagem: “A TV influencia bastante, vem pessoas aqui e dizem: Eu quero uma tatuagem igual fulana de tal. Eu quero uma tatuagem igual fulano de tal. Tenho muita procura de tatuagem igual à de pessoas famosas, da televisão, novela, tem muita procura disso aí.”

“Eles vêm e falam “Eu quero uma tatuagem igual a do fulano da televisão, eu quero uma *tattoo* igual a dele, no mesmo lugar e no mesmo tamanho”, e fazem a tatuagem igual ao artista da televisão, do famoso.”

Além da prática da imitação do desenho da tatuagem é possível também observar a influência das “celebridades” no ato de tatuar-se, ainda que não haja a imitação do desenho. É o caso das homenagens com os nomes ou retratos, chamados tatuagens realistas, estilo fotografia, de artistas ou atletas, no corpo de seus admiradores. Além de gravarem seus nomes, ou ícones que remetem a sua produção artística, como capas de disco, logotipo de bandas de música, símbolos ligados a atletas específicos.

Este aumento da procura por tatuagens após a exposição midiática parece ter o caráter de consentimento social. É como se após a exposição televisiva, no corpo de uma figura pública e admirada, o caráter marginal da tatuagem fosse expiado e a sua prática fosse validada por essas “celebridades”, sendo agora possível e até desejada pelos indivíduos que outrora se abstinham dela.

Berger problematiza algo parecido, ainda que com outro enfoque, ao apontar o caráter de pertencimento a um grupo ou tribo, causado pela prática da tatuagem:

“É preciso frisar que o pertencimento conferido pela tatuagem pode ser simbólico e não necessariamente efetivo: pode expressar pertencimento a um grupo de rock, onde a maioria dos membros são tatuados, mas também um pertencimento virtual a um grupo que embora não se encontre periodicamente, vê na tatuagem uma expressão de coragem, força, liberdade, domínio sobre o próprio corpo.” (BERGER: 2007, p.4)

A tatuagem, enquanto expressão individual, também identifica na pele dos indivíduos conexões com o grupo a que este pertence. Isso pode ser visualizado, como citado anteriormente, nas tatuagens em homenagem a artistas ou grupos musicais, seja tatuando o nome de uma banda, um logotipo, uma capa de disco ou um trecho de determinada letra de música. O indivíduo expressa ao mesmo tempo sua individualidade, demonstrando seus gostos pessoais, como o pertencimento a um grupo: os apreciadores de determinada banda, que se ligam expressando no corpo, uma característica subjetiva como a apreciação musical.

Esta associação remonta ao princípio da tatuagem moderna, quando marinheiros inspirados na prática que conheciam ao ter contato com novas culturas, adaptavam-na tatuando-se com temas ligados ao mar como âncoras, sereias, tubarões e bússolas. Essa adaptação cultural dos marinheiros, deu origem a tatuagem hoje chamada “old school”, o que dada a antiguidade da prática pode soar um tanto irônico, mas reflete a influência desse grupo na “redescoberta” da tatuagem e sua introdução na cultura ocidental moderna.

Considerações finais

Desde os marinheiros, considerados os responsáveis pela reintrodução da tatuagem na Europa e por sua introdução no Brasil, traços de imitação social ou “bocejos comportamentais” podem ser verificados. Como dito, os temas recorrentes a vida marítima, hoje conhecidos como tatuagens *old school*, a adesão da prática pelo mesmo grupo de convívio social, seu papel comum na disseminação da prática, visto que os primeiros tatuadores residentes no Brasil foram marinheiros que se estabeleceram nas regiões portuárias, parecem sustentar o caráter de pertencimento e de identificação que a tatuagem traz ao tatuado.

A marca que outrora distinguiu o guerreiro, o sacerdote, o nobre ou o escravo, o santo ou o amaldiçoado, o bárbaro, o marinheiro, o bandido e o marginal, sempre condicionada em relação ao tempo ou espaço, hoje parece pertencer a qualquer um que a deseje gravada na pele. Conforme as palavras apoloéticas de Gustavo Faustino sobre o futuro da tatuagem: “A nossa velhice vai ser colorida”. Se assim será, obviamente não sabemos. Porém é inegável que a tatuagem venha conquistando espaços e corpos onde outrora ela não foi bem-vinda.

Por fim, como dito, este artigo e suas limitações não pretendia esgotar um assunto tão vasto, e nem poderia fazê-lo. A intenção deste trabalho é fazer perguntas, levantar hipóteses, e não ainda encontrar respostas. Porque razão a tatuagem ascendeu de estigma marginal à acessório da moda? Qual o papel dos diversos personagens como tatuadores, tatuados, mídia, produto e processo nesta mudança? Seria a tatuagem um dos “bocejos” culturais, práticas repetidas pelos indivíduos do mesmo grupo de maneira consciente ou não? A tatuagem pode ser vista como prática de inserção social, causadora de sensação de pertencimento?

Alimentado pela natural empatia que tenho pelo tema, pretendo continuar a procurar as respostas e a fazer novas perguntas.

Referências Bibliográficas:

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. - Fredrik Barth. Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BERGER, Mirela. **Tatuagem; a memória na pele**. Espírito Santo: UFES, 2007.

FONSECA, Andréa Lissett Perez. **Tatuar e ser tatuado: “Etnografia da Prática Contemporânea da Tatuagem”, Estúdio: Experience Art Tattoo**. Florianópolis: UFSC, 2003. 151 f. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

LEITÃO, Débora K. **A flor de pele. Estudo antropológico sobre a prática da tatuagem em grupos urbanos**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

MARQUES, Toni. **O Brasil Tatuado e Outros Mundos**. Rio De Janeiro: Rocco, 1997.

PROVINE, Robert R. **Enigmas do bocejo**. Em: http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/enigmas_do_bocejo.html. Acesso em 17 de junho de 2014.